



APORTES SOBRE A ARTICULAÇÃO ENTRE INCONSCIENTE E IDEOLOGIA EM ALTHUSSER: AS “TRÊS NOTAS SOBRE A TEORIA DO DISCURSO” COMO CHAVE DE LEITURA PARA “IDEOLOGIA E APARELHOS IDEOLÓGICOS DE ESTADO”

Paulo Ricardo Artequilino da Silva¹

Márcio Henrique Pereira Ponzilácqua²

RESUMO

Constata-se um caráter lacunar no clássico texto de Althusser intitulado “Ideologia e Aparelhos ideológicos de Estado” (1969) quanto à articulação entre o inconsciente e a interpelação ideológica. Defende-se que tal lacuna pode ser preenchida pela análise de “Três notas sobre a teoria do discurso” (1966), revelador da posição althusseriana prévia

¹ Graduado em Direito pela Universidade de São Paulo, na Faculdade de Direito de Ribeirão Preto, advogado e mestrando em Direito pela Universidade de São Paulo, na Faculdade de Direito de Ribeirão Preto, na área de concentração Desenvolvimento no Estado Democrático de Direito.

² Vice-Diretor e Professor Associado da Faculdade de Direito de Ribeirão Preto da - USP, com Livre Docência em Sociologia do Direito (2014). Possui graduação em Direito pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1995), graduação em Teologia pelo Instituto Teológico de São José de Rio Preto (2001), mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001), doutorado em Política Social pela Universidade de Brasília (2007) e Pós-Doutorado em Sociologia do Direito pela Universidade da Picardia (Amiens - França) e em Sociologia do Direito e da Religião (2018), em Estrasburgo. Realizou estágio pós-doutoral no Centro di Ricerche Fenomenologiche di Roma (Itália) e participou como professor Visitante na Universidade de Louvain (Bélgica). Ministra principalmente as disciplinas de Sociologia Geral e Sociologia do Direito. Também leciona Direitos Socioambientais (pós-graduação), Direito Eclesiástico e Direito e Desigualdades. Todas no curso de Direito da FDRP - USP. Suas pesquisas envolvem especialmente a Sociologia do Direito, especialmente nas vertentes Sociologia do Direito e da Religião e Sociologia Ambiental do Direito, com ênfase nos seguintes temas: direitos socioambientais, direito e religião, direitos das águas, políticas públicas e desigualdades sociais, ética e cidadania, liberdade de convicção e crença, instituições e comunidades.

sobre o problema da articulação entre ideologia e inconsciente. Para sustentar tal hipótese, procedeu-se a uma revisão da bibliografia dos dois textos e da literatura secundária. Conclui-se que os aportes da teoria do discurso formulada em 1966 permitem integrar o sentido do texto de 1969 quanto ao papel do inconsciente.

Palavras-chave: Ideologia. Discurso. Inconsciente.

1 INTRODUÇÃO

Trata-se o presente artigo de pesquisa qualitativa, sob a forma de dissertação argumentativa, cujo objeto é constituído por uma análise do texto intitulado “Três notas sobre a teoria dos discursos” de lavra do filósofo Louis Althusser e escrito originalmente no ano de 1966 (Althusser, 1996), com o estrito objetivo de defender a posição de que a forma pela qual o autor articula o discurso ideológico e o discurso do inconsciente neste texto constitui uma chave de leitura relevante – e até mesmo necessária – para a compreensão de outro texto do mesmo autor, cujo título é “Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado”, escrito em 1969.

O texto a ser analisado é um ensaio que compõe um compêndio voltado ao estudo específico da psicanálise (“*Écrits Sur la Psychanalyse: Freud et Lacan*”, em português: “Escritos sobre a psicanálise: Freud e Lacan”) e cujo interesse teórico reside seu caráter precursor da análise do discurso francesa, desenvolvida por Pêcheux, e pela distinta forma pela qual o autor entrelaça o domínio da ideologia e a discursividade à luz de um prisma anti-humanista e centrado no modo pelo qual o inconsciente se expressa em discurso. É necessário mencionar que “Três notas sobre a Teoria do Discurso”, escrito em 1966, remanesceu inédito ao público até o ano de 1993, de modo que as implicações interpretativas desse texto para os escritos posteriores foram pouco exploradas pela literatura.

Já o texto de 1969 (Althusser, 2008) é um marco da produção teórica de Althusser, tendo alcançado o estatuto de um clássico das formulações teóricas voltadas a compreender a instância da ideologia nos marcos do marxismo. Vale dizer que “Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado” inaugura uma visão do fenômeno ideológico como supra-histórico, inconsciente e pautado num sujeito descentrado, constituído a partir da interpelação ideológica dos Aparelhos, que passam a ser vistos não como instituições neutras acima da luta de classes,

mas como instâncias de vivificação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência e de reprodução. Contudo, a articulação específica entre a instância ideológica e o modo de funcionamento do inconsciente não são objeto de uma análise detida em “Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado”, o que rende ensejo a se perscrutar o modo pelo qual os dois registros se articulam no ensaio de 1966.

O objetivo de se fazer a análise do referido ensaio é justamente preencher uma lacuna nos estudos da trajetória filosófica de Althusser, já que o texto que se submeterá à análise carece de estudos detidos no sentido de delimitar seus conceitos e extrair as consequências teóricas que deles emanam para a produção posterior do filósofo argelino e para o marxismo – em especial para o movimento denominado Novo Marxismo, inspirado pelas ideias de Althusser.

Assim, preencher essa lacuna permite que se alcance um objetivo ainda maior, qual seja: traçar uma genealogia dos conceitos empregados por Althusser em seu clássico texto de 1969 (“Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estados”) e chamar a atenção ao fato de que no texto de 1966 estava presente como elemento indispensável para compreender o inconsciente a instância do discurso, que não recebe a devida atenção no texto escrito posteriormente.

Desde já, é possível formular a hipótese interpretativa que se busca confirmar ao cabo do presente artigo, qual seja, a de que o conceito de discurso do inconsciente como produtor de um sujeito substituto, articulada à categoria do Outro, desenvolvida de modo mais detido no texto de 1966, ainda que não esteja explícita no ensaio de 1969, é central para a devida compreensão deste escrito, especialmente para que se tenha uma noção mais exata da articulação entre ideologia, discurso e inconsciente.

Justifica-se, desde já, portanto, a relevância da presente pesquisa a partir da possibilidade que se abre de melhor compreender e estruturar com mais detalhe a relação entre ideologia e inconsciente a partir de uma genealogia dos conceitos empregados em “Ideologia e Aparelhos Ideológico de Estado” a ser feita buscando suas origens no ensaio de 1966.

Procura-se verificar a procedência da hipótese acima exposta a partir de método de investigação sistemática e dialética dos pressupostos teóricos dos textos ora estudados e das consequências advindas das formulações contidas no ensaio de 1966 para o texto de 1969. A metodologia primordial, portanto, é marcada pela revisão da bibliografia pertinente e do cotejamento crítico entre o arcabouço conceitual desenvolvido em cada um dos textos submetido a exame, com vistas a compreender a evolução das ideias expressa nas diferenças entre os dois textos e extrair consequências teóricas dessa comparação.

À guisa de conclusão, obteve-se o resultado de que o cotejo crítico entre os dois textos revela que o projeto de investigação dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) e o conceito de ideologia veiculado no texto de 1969 são dependentes da estrutura conceitual desenvolvida em 1966, já que neste texto o filósofo argelino coloca em evidência que a interpelação promovida pelo discurso ideológico é sempre associada aos efeitos do discurso do inconsciente.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA POSIÇÃO ALTHUSSERIANA E A RUPTURA NO DEBATE SOBRE IDEOLOGIA: BREVE ANÁLISE DA LACUNA QUANTO À ARTICULAÇÃO ENTRE IDEOLOGIA E INCONSCIENTE NO ENSAIO DE 1969

As leituras prevaletentes no marxismo tradicional reproduzem, em grande medida, o paradigma Iluminista do sujeito autodeterminado e consciente para lidar com o objeto teórico da ideologia. Não é raro encontrar intervenções teóricas de marxistas – e do próprio Marx – nas quais o problema da ideologia é tratado de modo a considerar o fenômeno da discursividade ideológica como uma “câmara escura” que projeta ideias falsas com o objetivo de ocultar a verdade dos fatos e por meio das quais as relações contraídas entre os homens aparecem invertidas (Marx; Engels, 2007, p. 94).

A consequência direta desse prisma teórico é a noção humanista de que a consciência do sujeito é vítima de uma inversão alienante e reificante (Eagleton, 2019)³, de modo que a solução ao problema proposta passa pela efetivação da essência livre do homem – tal como aparecia no léxico antropológico de Feuerbach. Com efeito, a noção tradicional de ideologia deposita no sujeito livre e consciente a incumbência de descortinar o véu ideológico e expor à luz do dia as determinações verdadeiras da vida social.

O humanismo teórico no tratamento da ideologia manifestou-se em autores como Lukács e Gramsci. No caso do autor húngaro, por exemplo, em seu “História e Consciência de Classe”, é identificado como problema central da sociedade capitalista a reificação da consciência burguesa, reificação essa marcada por uma relação de inversão na qual a lógica da mercadoria e de sua calculabilidade aparece como determinante da consciência burguesa, marcada por seu caráter parcelar, instrumental e manipulatório, incapaz, portanto, de considerar

³ “A teoria da ideologia apresentada em *A Ideologia Alemã* de Marx e Engels (1846) diz respeito a essa lógica generalizada de inversão e alienação” (Eagleton, 2019, p. 86).

a totalidade social (Lukács, 2018, p. 147). Lukács identifica o proletariado como sujeito revolucionário na medida em que este agente é o único capaz de apreender o capitalismo em sua totalidade, já que é, concomitantemente, sujeito-objeto no modo de produção burguês – eis que é a classe que vende o próprio tempo de trabalho como mercadoria. Perante essa formulação teórica, retorque Motta (2021, p. 131) aduzindo que o filósofo húngaro identifica “que a classe operária tem um sentido ‘religioso’, de caráter messiânico, pois sendo a portadora de uma verdade universal e absoluta, somente ela pode ‘revelar’ a essência da sociedade e libertá-la”.

Vê-se que o marxismo tradicional é marcado por uma noção negativa de ideologia, seja por seu caráter de “falsa consciência”, seja pela sua função exercida na totalidade social no sentido de reproduzir práticas hegemônicas de um dado modo de produção.

Contudo, no âmbito da ruptura que ensejou o desenvolvimento do movimento a que se intitula “novo marxismo”, a instância ideológica passa a assumir um papel distinto daquele caracterizado tão somente por seu aspecto negativo, responsável por tergiversar e falsear o real por corresponderem às ideias das classes dominantes. A ruptura de que se fala é aquela causada pelo impacto do pensamento de Louis Althusser no campo marxista, cuja contribuição para o estudo da instância ideológica representa uma das mais fecundas formulações do marxismo no século XX.

Constatando que a formulação clássica de a “Ideologia Alemã” padece de um inegável mecanicismo positivista à luz do qual a ideologia aparece como “pura ilusão, puro sonho” e que, desse modo, “toda a sua realidade lhe é exterior” (Althusser, 2008, p. 194), o filósofo francês proclama que a sobredita formulação de 1845/46 não é verdadeiramente marxista, eis que não extrai todas as consequências teóricas do devassamento do “continente História” efetuado pelo último Marx.

A extração de todas as consequências teóricas da “revolução copernicana” causada pela superação do humanismo da juventude marxiana passa pela compreensão prévia dos necessários paralelismos traçados por Althusser com a revolução freudiana caracterizada pelo rompimento da psicologia do Eu.

Assim como Freud, em “A Interpretação dos Sonhos”, demarca o caráter determinante da instância do inconsciente, o que “induz uma ruptura decisiva com a psicologia como ciência do eu [*moi*], articulada ao primado da consciência” (Gillot, 2018, p. 26), a elaboração do objeto teórico de Marx a partir de “O Capital”, o modo de produção da vida material (forças de produção e relações de produção), abre a senda da exploração científica da ideologia como

estrutura inconsciente da relação dos homens com as suas condições de existência, permitindo a superação do caráter ideológico-humanista da juventude, preso, ainda, à ideologia liberal responsável por centralizar o homem como sujeito *par excellence* (exemplo de excelência) da história. Essa senda de exploração científica da instância ideológica a partir do inconsciente é aberta justamente pelo descolamento da problemática, saindo de um paradigma atomista e individualista de que a história é produzida por indivíduos concretos e conscientes em direção a uma ciência cujo objeto teórico é dado por conceitos estruturais à produção e reprodução da vida social, como modo de produção, relações de produção, forças produtivas, superestrutura política, jurídica e ideológica, dentre outras.

Esse deslocamento do humanismo em direção ao materialismo histórico provoca, igualmente, uma nova configuração do conceito mesmo de ideologia, na medida em que este não é mais visto como produto de uma agência consciente de sujeitos. Ao revés, a ideologia, tal como expõe Althusser, é alçada ao estatuto de instância que estrutura e possibilita, como um produto necessário, a reprodução das formações sociais concretas:

Portanto, a ideologia faz organicamente parte, como tal, de toda a totalidade social. Tudo ocorre como se as sociedades humanas não pudessem subsistir sem essas formações específicas, esses sistemas de representação (de nível diverso) que são as ideologias. As sociedades humanas secretam a ideologia como o elemento e a própria atmosfera indispensáveis à sua respiração e à sua vida históricas. Somente uma concepção ideológica do mundo pôde imaginar sociedade sem ideologias e admitir a ideia utópica de um mundo onde a ideologia (e não alguma de suas formas históricas) desapareceria sem deixar vestígios, para ser substituída pela ciência (Althusser, 2015, p. 192, grifos do original).

A ideologia, portanto, não se caracteriza por ser uma falsa consciência e nem uma um conjunto de ideias elaborados conscientemente para justificar a dominação de classe. Avançando na ruptura conceitual que propõe, Althusser toca um ponto nodal à problemática da ideologia na medida em que percebe o seu caráter inconsciente, a-histórico e cujo papel é constituir sujeitos descentrados.

Essa ruptura althusseriana com a tradição marxista na elaboração do conceito de ideologia assume seus contornos mais definidos no clássico ensaio intitulado “Ideologia e Aparelhos Ideológico de Estado”. Neste texto, são defendidas duas teses fundamentais, quais

sejam: *i*) “A ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” (Althusser, 2008, p. 277); e *ii*) “A ideologia tem uma existência material” (Althusser, 2008, p. 279).

Interessa notar que Althusser chama a atenção para o caráter de eterno – no sentido de representar um mecanismo presente em qualquer formação social histórica – da ideologia. Assim, o autor busca correlacionar esse caráter da ideologia com a formulação freudiana do inconsciente pelo fato de ambos compartilharem a falta de historicidade (Althusser, 2008, p. 276). Eis a primeira correlação explícita apresentada por Althusser entre ideologia e inconsciente.

Já após expor as teses fundamentais, o filósofo argelino faz uma segunda e última menção explícita ao conceito psicanalítico de inconsciente:

O ‘mecanismo’ da ideologia em geral é uma coisa. Vimos que se reduzia a alguns princípios definíveis por poucas palavras (tão ‘pobres’ como as que em Marx definem a produção em geral, ou em Freud o inconsciente em geral). Se encerra alguma verdade, este mecanismo é abstrato à vista de qualquer formação ideológica real (Althusser, 2008, p. 293).

Como se depreende do excerto, a produção do sentido do ato de interpelação está ligada a uma certa concepção teórica da relação entre a instância do inconsciente e a constituição do sujeito, a qual, entretanto, não é exposta de maneira clara pelo autor do difundido ensaio referido acima. O problema da insuficiência da articulação entre ideologia e inconsciente já foi apontado por Michel Pêcheux, segundo o qual “o trabalho teórico essencial ainda está por fazer”, já que a teorização até então formulada foi incapaz de preencher a “hiante ausência de uma articulação teórica bem elaborada entre ideologia e o inconsciente (...) Ora – e é justamente nesse ponto, creio eu, que começa a necessidade de uma teoria materialista do discurso (...)” (Pêcheux, 1996, p. 148). Está aberta, portanto, a clareira para que se investigue mais detidamente como o marxista argelino, Althusser, concebe a produção do sentido ideológico da interpelação constitui o sujeito a partir do discurso do inconsciente.

Apesar de o ensaio de 1969 trazer somente duas referências explícitas ao conceito psicanalítico de inconsciente, o capítulo posterior objetiva percorrer essa clareira teórica aberta argumentando em prol da hipótese de que o mecanismo ideológico, tal como concebido por Althusser, pressupõe como núcleo uma articulação entre a constituição do sujeito e a sua

submissão ao Sujeito Absoluto especular a partir da figura do discurso do inconsciente, cujo efeito é preencher a fissura causada pela interpelação ideológica com um sujeito substituto (tenente).

3 A “ARTICULAÇÃO DIFERENCIAL” ENTRE A IDEOLOGIA EM GERAL E O DISCURSO DO INCONSCIENTE: ANÁLISE DAS “TRÊS NOTAS PARA UMA TEORIA DO DISCURSO”

As “Três Notas sobre a Teoria dos Discurso” se iniciam por uma análise do objeto teórico da psicanálise e da necessidade de se formular uma teoria geral da psicanálise a fim de que a teoria regional desenvolvida neste âmbito possa ser concebida, a partir da teoria geral, como uma ciência autônoma.

Na Nota 1, Althusser traça uma análise acerca da necessidade de se formular uma teoria geral da psicanálise de modo a se construir um objeto teórico que permita à psicanálise transcender o campo de uma teoria regional para alcançar o estatuto de ciência autônoma – isto é, que tenha para si um objeto teórico próprio. Em certa medida, houve tentativas de realizar tal delimitação, mas sempre incorrerem em reducionismo ao reduzir o objeto da psicanálise a outras ciências (biologia, psicologia, filosofia), de modo que o autor passa a analisar as tentativas que mais perto chegaram de atingir o objeto: as de Freud e Lacan.

Analisando a formulação freudiana do objeto teórico da psicanálise, nota Althusser que o interesse teórico pela produção de Freud justifica-se pela consciência que o autor tinha da necessidade de estabelecer uma relação diferencial entre o objeto da psicanálise e os demais. Como exemplo, tem-se a distinção estabelecida por Freud entre as pulsões e os instintos (Althusser, 1996, p. 109). Todavia, apesar da consciência nítida da necessidade de se constituir uma teoria geral, a tentativa de Freud não pôde sobrepujar a falta de condições teóricas para executar a elaboração adequada do objeto próprio da psicanálise. Defende Althusser que o freudismo, em última instância, forjou uma teoria geral da psicanálise que se afirmava por sua função, e não pelo seu conteúdo, tendo, em verdade, repetido os conteúdos de sua teoria regional sob a forma de teoria geral (Althusser, 1996, p. 109).

Dizer que sua teoria geral repetiu sua teoria regional significa que os conceitos da primeira são tão "solitários" quanto os da segunda: ao invés de garantir o vínculo diferencial entre sua teoria regional e outras teorias regionais, ao invés de serem conceitos gerais que fazem várias teorias regionais possíveis, entre elas a teoria regional da psicanálise, expressam uma pretensão (vazia) de generalidade, ao invés da realidade dessa generalidade em seu papel efetivo. Por outro lado, esses conceitos repetem os da teoria regional, nada mais são do que sua réplica em forma de generalidade, quando não simples conceitos da teoria regional acoplados a um nome que lhes atribui uma função na teoria geral, uma função deste nome não é o conceito. Um único exemplo basta para ilustrar esse ponto: o conceito de pulsão de morte (em oposição à libido) pertence, na verdade, à teoria regional; mas pelo nome é carregado com funções em teoria geral. No entanto, seu nome não transforma o conceito regional em um conceito geral: seu nome é um programa, que nada mais faz do que atribuir uma função em sua própria ausência. (Althusser, 1996, p. 110, tradução nossa)⁴

Passando à proposta de Lacan para delimitação do objeto da psicanálise, Althusser conclui que o autor francês logrou maior êxito em elaborar uma teoria geral de tal área de estudo. Justifica tal afirmação defendendo que Lacan atingiu um grau elevado de precisão conceitual e extraiu as consequências teóricas de grande alcance ao lançar mão da linguística enquanto expediente analítico capaz de delimitar o objeto teórico da psicanálise de outras ciências (biologia, psicologia e filosofia) e de distingui-la da própria linguística.

A conclusão tirada da análise lacaniana do objeto teórico da psicanálise é o de que há uma ambiguidade entre a linguística e a psicanálise, eis que ora a primeira se arroga à posição de teoria geral das ciências humanas, ora a segunda o faz (Althusser, 1996, p. 113). Assim, o filósofo argelino conclui que a necessidade de se encontrar o específico objeto teórico da psicanálise e sua teoria geral só podem ser efetuadas pela reconstrução daquilo que permite a cognoscibilidade do discurso do inconsciente:

⁴ Confirma-se a tradução espanhol utilizada: "Decir que su teoría general repitió su teoría regional quiere decir que los conceptos de aquella son tan "solitarios" como los de ésta: en lugar de asegurar el vínculo diferencial entre su teoría regional y otras teorías regionales, en lugar de ser conceptos generales que hagan posibles varias teorías regionales, entre ellas la teoría regional del psicoanálisis, expresan una pretensión (vacía) a la generalidad, más que la realidad de esta generalidad en su papel. efectivo. En cambio, estos conceptos repiten los de la teoría regional, no son más que su réplica en la forma de la generalidad, cuando no simplemente conceptos de la teoría regional aunados a un nombre que les asigna una función en la teoría general, función de la que este nombre no es el concepto. Para ilustrar este punto basta un solo ejemplo: el concepto de instinto de muerte (por oposición a la libido) pertenece en realidad a la teoría regional; pero por su nombre está cargado de funciones en la teoría general. Ahora bien, su nombre no transforma el concepto regional en concepto general: su nombre es un programa, que no hace más que asignar una función en su propia ausencia."

Somente com esta condição podemos encontrar a seguinte pista: que a teoria geral da psicanálise, aquela que sua teoria regional requer e exige, não pode ser elaborada pelo simples "confronto" diferencial (e seus "efeitos" de teoria geral) entre o geral teoria da linguística e teoria regional da psicanálise; que deve ser elaborado de outro ponto de vista, por meio de confrontos diversos, envolvendo outras teorias regionais e suas relações diferenciais, com uma reclassificação diferente, que questiona justamente os objetos sobre os quais a limitação descrita anteriormente exerce seus efeitos: as famosas ciências humanas. Aqui, ousamos sugerir que a teoria geral da psicanálise deve ser buscada naquilo que permite constituir a teoria regional do discurso do inconsciente, ao mesmo tempo como discurso e como discurso do inconsciente, ou seja, não em uma, mas em duas teorias gerais, cuja articulação deverá pensar (Althusser, 1996, p. 113, tradução nossa)⁵.

A partir desse ponto, é dado um extenso tratamento da questão dos elementos característicos do objeto precípua da teoria regional da psicanálise: o inconsciente. Postula o filósofo marxista a necessidade de se construir conscientemente os caracteres da teoria regional para se chegar à natureza dos elementos que compõem a teoria geral da psicanálise.

Nesse passo da exposição de seu argumento, Althusser (1996, p. 114) elenca e correlaciona uma série de características basilares da instância do inconsciente. Inicia o autor por expor que um caráter marcante do inconsciente é seu modo de se manifestar e de existir somente a partir de seus efeitos, sob a forma de sintoma. Adverte, porém, que a manifestação do inconsciente não se dá sob a forma de fenômenos que expressam uma essência. Antes, o inconsciente se manifesta a partir do “mecanismo de um sistema que funciona produzindo seus efeitos” (Althusser, 1996, p. 114)⁶.

O mecanismo de aparecimento sintomal do inconsciente, ainda segundo Althusser, se estrutura a partir de certos elementos que estão submetidos a leis específicas de combinação, sendo que os elementos da estrutura inconsciente são chamados de significantes que devem se

⁵ “Sólo con esta condición podremos encontrar la siguiente pista: que la teoría general del psicoanálisis, aquella que requiere y que exige su teoría regional, no puede elaborarse por la simple "confrontación" diferencial (y sus "efectos" de teoría general) entre la teoría general de la lingüística y la regional del psicoanálisis; que debe ser elaborada desde otro punto de vista, por medio de diferentes confrontaciones, haciendo intervenir otras teorías regionales y sus relaciones diferenciales, con una reclasificación diferente, que precisamente cuestione los objetos sobre los cuales la limitación antes descrita ejerce sus efectos: esas famosas ciencias humanas. Aquí, descartamos sugerir que la teoría general del psicoanálisis debe buscarse en lo que permite constituir la teoría regional del discurso del inconsciente, al mismo tiempo como discurso y como discurso del inconsciente, es decir no en una sino en dos teorías generales, cuya articulación habrá que pensar.”

⁶ “Lo que existe es: los mecanismos de un sistema que funciona produciendo sus efectos.”

combinar pelos mecanismos de funcionamento cognoscíveis comente por intermédio de uma teoria geral do significante. Contudo, uma teoria capaz de formular as leis de combinação específica dos significantes do inconsciente pressupõe, antes, que seja estabelecida por uma teoria do discurso a diferença entre cada espécie discursiva (Althusser, 1996, p. 115). Eis aí o contexto do qual exsurge o que se chama aqui de tópica do discurso na obra althusseriana.

Dessa necessidade de se distinguir cada forma de expressão discursiva, Althusser, formula um critério de diferenciação entre cada uma dessas formas pautado no “efeito de subjetividade” (Althusser, 1996, p. 115)⁷ que cada discursividade em específico produz. O autor ainda ressalta a necessidade de se detectar a estrutura que diferenciam cada forma de discurso. A partir desse critério, são identificados, a título de exemplo e sem pretensão de exaurir a matéria, quatro tipos distintos de discurso: *i*) discurso científico; *ii*) discurso estético; *iii*) o discurso ideológico e *iv*) o discurso do inconsciente.

Exemplo: o discurso ideológico, no qual o efeito-sujeito está presente pessoalmente, é, portanto, o significante do discurso, é o significante central do discurso, tem uma estrutura de centramento especular: o sujeito induzido é repetido por um sujeito produtor (o sujeito empírico repetido pelo sujeito transcendental, o homem-sujeito por Deus etc.). Exemplo: o discurso científico, no qual o sujeito em pessoa está ausente, não é, portanto, um significante do discurso, tem uma estrutura descentrada (a de um sistema de relações abstratas, e elementos são conceitos, nenhum dos quais é ‘constituente’: assim que um conceito se torna ‘constituente’, ele passa do discurso científico ao discurso ideológico). Exemplo: o discurso estético, em que está presente o efeito-sujeito por pessoas interpostas (pela combinação de vários significantes), possui uma estrutura equívoca de remissões, em que cada suposto “centro” o é apenas pela presença, ou seja, a negação, deste ou daquele outro “centro”, que encontra o primeiro na mesma relação de indecisão. Quando a obra de arte tem apenas um centro, ela passa do discurso estético ao discurso ideológico, cai no discurso científico. Exemplo: o discurso do inconsciente em que o sujeito-efeito está ausente por tenência; deparamo-nos com uma falsa estrutura de centramento, sustentada por uma estrutura de fuga ou abertura (estrutura metonímica?) (Althusser, 1996, p. 116, tradução nossa)⁸.

⁷ “todo discurso produce un efecto de subjetividad.”

⁸ “Ejemplo: el discurso ideológico, en el que está presente el efecto-sujeto en persona, es pues significante del discurso, es el significante central del discurso, posee una estructura de centrado especular, el sujeto inducido es repetido por un sujeto productor (el sujeto empírico repetido por el sujeto trascendental, el sujeto-hombre por Dios, etcétera). Ejemplo: el discurso científico, en el que está ausente el efecto sujeto en persona, no es pues un significante del discurso, posee una estructura de descentrado (la de un sistema de relaciones abstractas, cuyos

A partir do excerto, é possível inferir que o papel do sujeito é de importância fundamental a qualquer forma de teorização sobre o discurso, na medida em que a elaboração dos significantes e a estrutura de suas leis de combinação estão diretamente relacionadas ao tipo de sujeição gerado – e pressuposto – por elas. Aliás, a centralidade do sujeito como categoria que possibilita que os significantes sejam organizados sob a forma de um discurso é notada por Warren Montag em um dos escassos artigos científicos dedicados a estudar as “Três Notas”: “Mas o que realmente marca um discurso como discurso e permite a Althusser produzir uma teoria de suas diferenças é que cada um a seu modo produz seu próprio sujeito” (Montag, 2015, p. 26 - tradução nossa)⁹. Assim, na Nota 1, é clara a intenção de Althusser em produzir uma tópica que demarque a posição e a função do sujeito na estrutura discursiva.

No primeiro tipo de discurso trabalhado pelo autor, o científico, o sujeito ocupa um lugar de ausência, na medida em que a estrutura dessa forma de discurso é um sistema de relações abstratas no qual os significantes são constituídos por conceitos. Já o discurso estético é marcado pela interposição de uma pluralidade de sujeitos que gera uma estrutura de remissões equívocas em que cada centro de significação pressupõe a negação de outro.

O discurso do inconsciente, por sua vez, é estruturado a partir de um sujeito ausente que se faz presente por “substituição”, tenência, na terminologia empregada por Althusser¹⁰. Assim, o efeito-sujeito do discurso do inconsciente é revelado por um sujeito emissário, encarregado e subordinado a um sujeito ausente (Althusser, 1996, p. 116; Montag, 2015, p. 26). Essa estrutura discursiva guarda uma relação muito mediada e especificamente articulada com o discurso ideológico no modo pelo qual o filósofo argelino trabalha o conceito de inconsciente nas “Três Notas”.

elementos son conceptos, ninguno de los cuales es "constituyente": en cuanto un concepto se vuelve "constituyente", se pasa del discurso científico al discurso ideológico). Ejemplo: el discurso estético, en el que está presente el efecto-sujeto por interpósitas personas (por la combinación de varios significantes) posee una estructura equívoca de remisiones, en la que cada presunto "centro" sólo lo es por la presencia, es decir la negación, de tal o cual otro "centro", que se encuentra con el primero en la misma relación de indecisión. Cuando la obra de arte posee un solo centro, pasa del discurso estético al discurso ideológico. Cuando aleja de su campo todo tema, cae en el discurso científico. Ejemplo: el discurso del inconsciente en el que el efecto-sujeto está ausente por "lugartenencia"; nos enfrentamos a una falsa estructura de centrado, sustentada por una estructura de fuga o de abertura (estructura metonímica?).”

⁹ Eis o original: “Pero lo que realmente marca un discurso como discurso y permite a Althusser producir una teoría de sus diferencias es que cada uno a su modo produce su propio sujeto”

¹⁰ Na hierarquia militar, o tenente é o substituto que supre a posição de chefia na sua ausência.

E isso porque o inconsciente é tratado por Althusser como um efeito do modo específico pelo qual o discurso ideológico opera interpelando e constituindo o sujeito. Assim, o autor passa a “sugerir” (Althusser, 1996, p. 117) uma explicação que dê conta do engendramento estrutural entre ideologia e inconsciente. Cabe acompanhar, neste passo do trabalho, cada momento da argumentação do filósofo argelino a fim de se compreender o ensaio ora analisado como uma chave de leitura para o clássico texto de 1969.

Como se sabe, o cerne da elaboração althusseriana do conceito de ideologia perpassa o momento da interpelação e da constituição do sujeito. Entretanto, nota Althusser que a estrutura discursiva da interpelação e o efeito de transformar um indivíduo em sujeito guardam uma relação profunda com o exercício de uma função fundamental à base de toda formação social: a de que o indivíduo seja transformado em sujeito para portar uma função específica no quadro da divisão social do trabalho.

Em qualquer formação social, a base requer a função-suporte (*Träger*) como função a assumir, como lugar que deve ocupar na divisão técnica e social do trabalho. Esse requisito permanece abstrato: a base define as funções Träger (a base econômica e também a superestrutura política e ideológica), mas a estrutura (base ou superestrutura) que define essas funções pouco se importa com quem deve assumir e executar esse papel, e como pode ocorrer essa assunção: não "quer saber" (como nos militares). A ideologia é o que garante a função de designar o sujeito (em geral) que deve ocupar essa função, e para isso deve interrogá-lo como sujeito, fornecendo-lhe as razões-sujeito para assumir essa função. A ideologia desafia o indivíduo constituindo-o como sujeito (ideológico, portanto, de seu discurso), e fornecendo-lhe razões-para-sujeito (desafiado como sujeito) para assumir as funções definidas como funções-de-*Träger* pela estrutura (Althusser, 1996, p. 117/118, tradução nossa)¹¹.

A reflexão proposta por Althusser, nesse ponto de sua argumentação, busca trazer à tona um efeito dúplice da interpelação ideológica, que tanto outorga ao indivíduo a posição de

¹¹ “En cualquier formación social, la base requiere la función-soporte (*Träger*) como una función para asumir, como un lugar que debe tener en la división técnica y social del trabajo. Esta requisición queda abstracta: la base define funciones-Träger (la base económica y asimismo la superestructura política e ideológica), pero a la estructura (base o superestructura) que define estas funciones le importa poco quién deba asumir y ejecutar esta función, y cómo pueda ocurrir esta asunción: no "quiere saberlo" (como en el ejército). La ideología es la que asegura la función de designar el sujeto (en general) que debe ocupar esta función, y para ello debe interpelarlo como sujeto, proporcionándole las razones-de-sujeto para asumir esta función. La ideología interpela al individuo constituyéndolo como sujeto (ideológico, por lo tanto, de su discurso), y brindándole razones-de-sujeto (interpelado como sujeto) para asumir las funciones definidas como funciones-de-*Träger* por la estructura.”

sujeito identificado a si, consciente e senhor de si mesmo (tal como preceituam os cânones da filosofia da consciência) quanto, contraditoriamente, lhe imputa o encargo de portar uma função social requerida pela base econômica. É assim que, para usar o exemplo clássico do policial (Althusser, 1996, p. 121), o sujeito que é interpelado com um “Ei, você!” e se vira para ouvir o comando reconhece-se como sujeito “livre, sujeito moral, sujeito responsável por seus atos, sujeito único e insubstituível” (Gillot, 2018, p. 101), trata-se do efeito ideológico elementar, que diferencia essa forma de discursividade do simples mandamento ou da mera exortação à execução de um comando.

A ideologia constitui o sujeito portador de uma função social não pelo mecanismo da força ou da imposição. O seu discurso está centrado na dupla condição de constituir um sujeito livre e responsável por si (ao ser interpelado, eu me viro, por ser consciente e dono de mim) e outorgar uma função. Isso é possibilitado pela estrutura de convicção, e não de imposição, que a ideologia particulariza ao assumir uma forma de garantia do sujeito interpelante e de outorgar ao interpelado o estatuto de “causa não causada” de suas ações como portador de funções sociais: o indivíduo assujeitado se responsabiliza por palavras e ações que não são dele, mas lhes foram transmitidas pela ordem simbólica, estruturada pela linguagem (Montag, 2015, p. 27; Gillot, 2018, p. 105 e Althusser, 1996, p. 118/119).

Esse caráter contraditório de reconhecer o sujeito como senhor de si e ao mesmo tempo incumbido de portar a função-*Träger*, isto é, de portar funções necessárias da divisão social do trabalho é transpassada por uma estrutura discursiva específica que, ao mesmo tempo em que possibilita o efeito dúplice da interpelação ideológica, é gerada como efeito próprio da interpelação-constituição do sujeito: trata-se do discurso do inconsciente. Não por acaso, Althusser ressalta expressamente que a função-sujeito:

que constitui o efeito próprio do discurso ideológico requer, por sua vez, produzir ou induzir... um efeito próprio, que é o efeito-inconsciente, ou o sujeito-efeito-do-inconsciente, ou seja, a própria estrutura que permite o discurso do inconsciente. Esta última função possibilita assegurar o funcionamento do sujeito no desconhecimento (Althusser, 1996, p. 119, tradução nossa)¹².

¹² “(...) que constituye el efecto propio del discurso ideológico requiere, a su vez, produce o induce..., un efecto propio, que es el efecto-inconsciente, o el efecto sujeto-del-inconsciente, es decir la estructura propia que permite el discurso del inconsciente. Esta última función permite asegurar la función sujeto en el desconocimiento”.

O modo pelo qual o efeito-inconsciente se articula na constituição ideológica do sujeito está intimamente ligada à estrutura de garantia do discurso ideológico, por meio da qual o Sujeito interpelante recruta e constitui os sujeitos-portadores através de uma garantia fornecida pelo Outro, na condição de interpelante. A relação, portanto, entre interpelante e interpelado é tal que pressupõe não só o assujeitamento do *Träger*, mas traz à tona, também, o assujeitamento do Sujeito interpelante como o Outro. A estrutura do discurso ideológico, em seu efeito dúplice, permite “ao sujeito questionado reconhecer-se e reconhecer seu lugar no discurso, ao mesmo tempo em que garante que ele é de fato o questionado, e que é questionado por alguém, outro Sujeito, este Nome de todos os nomes” (Althusser, 1996, p. 120 – tradução nossa¹³).

A ideologia religiosa fornece o exemplo mais claro para que se compreenda as implicações da relação Sujeito interpelante com o sujeito constituído-interpelado. E isso pode ser visto, tal como indica Gillot (2018, p. 107), justamente quando Deus convoca Moisés para lhe entregar a Lei sagrada. Neste ato, Deus não só nomeia, identifica e torna Moisés um sujeito único e inconfundível, mas também constitui a si mesmo como o Sujeito absoluto marcado pela máxima do “Eu sou o que eu sou” (Gillot, 2018, p. 107). A constituição do sujeito e a atribuição do papel de portador de uma função social (e Moisés é constituído como servo de Deus submetido à Sua palavra) é correlata do papel assumido pelo interpelante de que ele é o Sujeito absoluto capaz de garantir a existência e a identidade do sujeito interpelado. Nas palavras do filósofo argelino, o discurso ideológico “faz com que esses sujeitos existam, e só concede uma operação, de fato indispensável para sua economia: a garantia dessa existência para os sujeitos instituídos por um Sujeito que os desafia e ao mesmo tempo os convoca a seu julgamento.” (Althusser, 1996, p. 121 – tradução nossa¹⁴). A conclusão natural que exsurge é a de que a interpelação ideológica produz o efeito inconsciente, ao mesmo tempo em que é possibilitada por esse efeito.

O efeito inconsciente opera justamente quando o sujeito se duplica/submete ao Outro, ao Sujeito absoluta. A interpelação produz uma fissura no sujeito constituído que é preenchida pelo discurso do inconsciente que aparece a partir da figura do Outro, de modo que o efeito inconsciente permite aos indivíduos a assunção da função de sujeito ideológico (Althusser,

¹³ “al sujeto interpelado reconocerse¹³ y reconocer su lugar en el discurso, al mismo tiempo que le garantiza que en efecto es él el interpelado, y que es interpelado por alguien, otro Sujeto, este Nombre de todos los nombres”

¹⁴ “hace existir a estos sujetos, y no concede más que una operación, a decir verdad indispensable para su economía: la garantía de esta existencia para los sujetos instaurados por un Sujeto que los interpela y que al mismo tiempo los convoca a su juicio”.

1996, p. 122). Trata-se, aqui, de um resgate por Althusser do conceito de inconsciente tal como concebido por Lacan, estruturado como uma linguagem (Althusser, 1996, p. 122) que se manifesta a partir de um sujeito-tenente, substituto, o Outro interpelante e fiador da condição de sujeito. Analisando as “Três Notas”, Warren Montag adverte que Althusser não produz uma teoria do sujeito que é interpelado para optar conscientemente se aceita ou não o encargo de portador, mas de um sujeito cuja interpelação é possibilitada e produz como efeito a instância do inconsciente:

Mas, felizmente, isso não acontece: Althusser sai desse impasse pela força do conceito de inconsciente desenvolvido por Lacan, especialmente em ‘Os quatro conceitos fundamentais’. É a noção do discurso inconsciente, não do sujeito do inconsciente, mas justamente da lacuna ou buraco que a interpelação "induz" (como se fosse uma amnésia induzida) no próprio sujeito que ela produz. Não devemos esquecer que a "imputação", a atribuição legal de livre arbítrio e personalidade a um corpo cujas palavras e ações permanecem tão obscuras que a mera existência de responsabilidade legal depende de o indivíduo ser tratado "como se" fosse livre e, portanto, responsável por "suas próprias" ações, tem uma dupla materialidade: por um lado, a obstinada resistência do corpo à interpretação e, por outro, a materialidade cínica de um discurso sem referente, um discurso que não representa o estado interno do acusado, mas compensa sua irreduzível falta, dotando-o profeticamente da qualidade que a lei exige (Montag, 2015, p. 29/30, tradução nossa¹⁵).

Em verdade, a posição sustentada por Althusser nas “Três Notas” consiste na sua defesa de que o sujeito-substituído (tenente) produzido pela forma de discursividade específica do inconsciente é necessário justamente para que o indivíduo funcione como sujeito, na medida em que o papel do Outro, como sujeito tenente, é fundamental para produzir o sujeito ideológico não no sentido de uma gênese, mas, sim, na terminologia althusseriana, por uma articulação

¹⁵ “Pero por fortuna, esto no sucede: Althusser sale de este impasse a través del poder del concepto de inconsciente desarrollado por Lacan, sobre todo en Los Cuatro conceptos fundamentales. Es la noción del discurso del inconsciente, no del sujeto del inconsciente, sino precisamente el hueco o agujero que la interpelación “induce” (como si fuera una amnesia inducida) en el mismo sujeto que produce. No debemos olvidar que la “imputación”, la atribución legal de libre arbitrio y personalidad a un cuerpo cuyas palabras y acciones se mantienen tan oscuras que la mera existencia de responsabilidad legal depende de que el individuo sea tratado “como si” fuera libre y por tanto responsable de “sus propias” acciones, posee una doble materialidad: por un lado la obcecada resistencia del cuerpo a la interpretación y por el otro la cínica materialidad de un discurso sin referente, un discurso que no representa el estado interno del individuo acusado sino que lo compensa por su falta irreductible al proveerlo de forma protésica con la cualidad que la ley demanda”.

diferencial: “Diremos que a existência desse discurso inconsciente, e do sujeito específico que ele induz, é essencial para que funcione o sistema pelo qual o indivíduo assume seu ‘papel’ de sujeito ideológico interpelado como tal pelo discurso ideológico.” (Althusser, 1996, p. 122).

Por fim, o filósofo marxista esclarece que a função do inconsciente no mecanismo de produção do sujeito ideológico não a de cumprir uma missão específica, como um único vetor, mas que o discurso do Outro, sob a forma da ordem simbólica inconsciente, atua de maneira sobredeterminada¹⁶ na produção da subjetividade assujeitada e do Sujeito. Significa dizer que vem à tona para explicar a articulação entre inconsciente e ideologia o conceito de causalidade estrutural (ou metonímica), e isso justamente para se explicitar o caráter complexo e múltiplo das contradições que envolvem a constituição do sujeito, evidenciando que se trata de uma causalidade própria pela qual a causa só aparece por intermédio dos efeitos, em rechaço ao monismo que simplifica o conceito da contradição marxiano a partir de uma causalidade linear e mecânica. É possível concluir, a partir disso, que o discurso ideológico e o do inconsciente compõem uma unidade complexa por meio da qual a instância do consciente sobredetermina, como efeito causador (metonimicamente), a interpelação ideológica e a constituição do sujeito descentrado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da análise acima exposta, pode-se depreender que, apesar da lacuna presente em IeAI quanto à função específica do discurso do inconsciente no mecanismo ideológico de interpelação-constituição do sempre-já sujeito, as “Três Notas”, escritas apenas três anos antes

¹⁶ Veja-se como Althusser explica a noção de sobredeterminação em “Por Marx”: econômico. É aqui que se pode esclarecer, parece-me, a expressão de contradição sobredeterminada que eu propunha, porque não temos mais agora o fato puro e simples da existência da sobredeterminação, mas porque o relacionamos, no essencial, e mesmo que nosso procedimento seja ainda indicativo, com seu fundamento. Essa sobredeterminação torna-se inevitável, e pensável, assim que se reconhece a existência real, em grande parte específica e autônoma, irreduzível, portanto, a um puro fenômeno, das formas da superestrutura e da conjuntura nacional e internacional. É preciso então ir até o fim, e dizer que essa sobredeterminação não se deve às situações aparentemente singulares ou aberrantes da história (por exemplo, da Alemanha), mas que ela é universal, que a dialética econômica nunca joga no estado puro, que nunca se veem na história essas instâncias que são as superestruturas etc. se afastarem respeitosamente quando realizaram sua obra ou se dissiparem como seu puro fenômeno para deixar avançar pela estrada real da dialética sua majestade Economia porque o Tempo teria chegado. Nem no primeiro nem no último instante, a hora solitária da “última instância” jamais chega. Em suma, a ideia de uma contradição “pura e simples”, e não sobredeterminada, é, como diz Engels da “frase” economicista, “uma frase vazia, abstrata e absurda” (Althusser, 2015, p. 89).

do clássico ensaio *IeAI*, demonstram a preocupação de Althusser em expor o modo sobredeterminado pelo qual o inconsciente perpassa a constituição de um sujeito descentrado e opaco – ao contrário do sujeito cartesiano transparente pelas lentes do cogito cartesiano.

Assim, entende-se por confirmada a hipótese interpretativa inicial quanto à proficuidade de se trazer as considerações sobre a articulação diferencial entre ideologia e inconsciente. E isso porque a compreensão dessa articulação permite preencher de sentido as ilações expostas em “Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado” quanto à dependência recíproca que caracteriza o mecanismo ideológico de interpelação e o discurso do inconsciente estruturado como ordem simbólica (esturrada em linguagem) por meio da qual o Sujeito Absoluto especular garante ao assujeitado a sua individualidade e controle consciente de seus atos. Essa articulação revela justamente o momento ideológico da consciência que se crê centrada ao demonstrar que o sujeito é sempre já descentrado, constituído pelo significante mestre do Outro na figura de discurso do inconsciente.

Com isso, pode-se explorar novas sendas investigativas e programas de pesquisa com maior aptidão para responder à insuficiência, já apontada por Pêcheux, da compreensão exata do sistema inconsciente como efeito da interpelação ideológica.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Escrito sobre Psicoanálisis: Freud y Lacan**. Cidade do México: Siglo XXI, 1996.

ALTHUSSER, Louis. **Sobre a reprodução**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

ALTHUSSER, Louis. **Por Marx**. Campinas: Unicamp, 2015.

EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma introdução**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

GILLOT, Pascale. **Althusser e a psicanálise**. São Paulo: Ideias e Letras, 2018.

LUKÁCS, György. **História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxiana**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MONTAG, Warren. Discurso y decreto: Spinoza, Althusser y Pêcheux. **Representaciones**, La Plata, v. XI, n. 1, p. 11/41, 2015.

MOTTA, Luiz Eduardo. **A favor de Althusser: revolução e ruptura na teoria marxista**. São Paulo: Contracorrente, 2021.

PÊCHEUX, Michel. O Mecanismo do (Des) Conhecimento Ideológico. *Em*: ZIZEK, Slavoj (org.). **Um Mapa da Idelogia**. São Paulo: Contraponto, 1996.

CONTRIBUTIONS ON THE ARTICULATION BETWEEN THE UNCONSCIOUS AND IDEOLOGY IN ALTHUSSER: THE “THREE NOTES ON THE THEORY OF DISCOURSE” AS A KEY TO READING “IDEOLOGY AND IDEOLOGICAL STATE APPARATUSES”

ABSTRACT

There is a gap in Althusser's classic text "Ideology and Ideological State Apparatuses" (1969) regarding the articulation between the unconscious and ideological interpellation. This gap can supposedly be filled by analyzing "Three notes on the theory of discourse" (1966), which reveals Althusser's previous position on the link between ideology and the unconscious. To support this hypothesis, a review of the bibliography of the two texts and secondary literature was conducted. The conclusion is that the contributions of the theory of discourse from 1966 integrate the 1969 text's meaning regarding the role of the unconscious.

Keywords: Ideology. Discourse. Unconscious.